



CINEMA  
MINEIRO

O diretor Helvécio Rotton foi um dos contemplados do programa Filme em Minas com *Estrelas caídas do céu*.

PÁGINA 8

CRISTINA HORTA/EM/D. A PRESS

NOVA GERAÇÃO DE MÚSICOS MINEIROS SE ORGANIZA PARA CONQUISTAR MERCADO NA EUROPA E EUA. ARTISTAS APOSTAM EM COOPERATIVAS PARA VENCER OS REFLEXOS DA CRISE DA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA

# TIPO EXPORTAÇÃO

EDUARDO TRISTÃO GIRÃO

Uakti já foi. Milton Nascimento voltou há pouco tempo. Toninho Horta, vira e mexe, vai. O Sepultura praticamente mora lá. Alguns artistas mineiros (que representam a música feita aqui, nasceram ou estão associados ao estado) há muito descobriram rotas internacionais para mostrar o trabalho que desenvolvem. Cada um na sua. O que começa a chamar a atenção, sobretudo em Belo Horizonte, é a mobilização de artistas de gerações mais recentes, unidos para conquistar espaço nos palcos do exterior. Com a indústria fonográfica e a economia mundial em crise, muitos já perceberam que a espera até ser “descoberto” pode ser interminável. É preciso correr atrás – e, por vezes, pelas vias alternativas.

O mais recente fato envolvendo esse novo movimento foi o convite que cinco artistas mineiros receberam para tocar no festival SXSW, que será realizado entre 13 e 22 de março nos Estados Unidos. Logo mais, Somba, Érika Machado, Pato Fu, Vander Lee e Kristoff Silva arrumarão as malas para mostrar parte da diversificada produção musical mineira num circuito de shows que envolve cerca de 300 bares e espaços culturais de Austin, onde quase 2 mil bandas (19 dessas são de outros estados brasileiros) se apresentarão ininterruptamente.

A oportunidade foi proporcionada em agosto, durante o projeto Imagem & Comprador, que promove rodadas de negócios entre artistas locais e compradores internacionais de música. Desenvolvido pela Brasil Música & Artes em parceria com a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, o projeto foi realizado em Belo Horizonte pela Cooperativa da Música de Minas e Sebrae, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura e Fórum da Música de Minas Gerais. Tanto a cooperativa quanto o fórum são entidades criadas por músicos da cidade.

“Queremos fazer muitos contatos, ver os shows e conhecer gente do mundo inteiro”, afirma Leo, do Somba, que fará seu primeiro show internacional. Se cantar exclusivamente em português atrapalha? “O público desse festival estará lá para ver coisa nova, diferente mesmo. Por isso estão indo bandas do mundo inteiro para lá, e não a mesmice. Fazemos rock, mas o unimos a elementos brasileiros, como o baião. Vamos levar o português cantado e o rock que não é o norte-americano”, responde.

**NEGÓCIOS** “As pessoas não conhecem nossa música, no máximo, Milton Nascimento. Às vezes, não sabem nem localizar Minas Gerais no mapa. Música e qualidade a gente tem, só falta organizar”, acredita o cantor e compositor Makely Ka. Ele esteve recentemente na Espanha, onde participou da feira de música Womex. Na ocasião, recebeu convite para retornar ao país em dezembro, para discutir possibilidades de intercâmbio cultural entre Minas Gerais e a região da Galícia. Resultado: acordo entre os dois lados deverá ser assinado mês que vem, prevendo semana de Minas na Galícia e vice-versa, incluindo não apenas música, mas também teatro, cinema e literatura.

“A Galícia pode servir de plataforma de lançamento da música mineira na Europa. Trabalhamos com o conceito de contraindústria, que não é a mesma lógica de 10 anos atrás, de ser descoberto por uma gravadora. Não é por acaso que fizemos uma cooperativa. Não queremos entrar na lógica da grande indústria, que está à beira da falência. Comércio justo e economia criativa são conceitos que perpassam nossa proposta”, explica Makely, presidente da Cooperativa da Música de Minas. “Não tenho dúvida de que a cena mais efervescente do país nesta década está em Minas. Aqui não há



MARIA TEREZA CORREIA/EM/D. A PRESS

“Não queremos entrar na lógica da grande indústria, que está à beira da falência. Comércio justo e economia criativa são nossa proposta”

Makely Ka, cantor e compositor



VITOR MOURA/DIVULGAÇÃO

A banda de rock pesado Eminence, de BH, faz duas turnês anuais à Europa desde 1998

muitos guetos. As pessoas se frequentam e, a partir disso, surgem hibridismos. Isso não é comum, mas aqui acontece de maneira muito natural”, observa.

Outro fato aguardado com ansiedade pelos músicos mineiros é a publicação (provavelmente na segunda quinzena do mês que vem) do edital do Música Minas, programa de estímulo desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura e representantes da classe musical do estado. Serão duas frentes de atuação: circulação estadual e nacional de artistas mineiros; e exportação da música produzida em Minas, o que prevê a inclusão de artistas em feiras de música nacionais e internacionais, produção de portal interativo e 166 passagens nacionais e internacionais para músicos mineiros se apresentarem no Brasil e exterior.



ÉLCIO PARAÍSO/DIVULGAÇÃO

“Acho que a música mineira de hoje tem tolerância pequena à redundância. Temos música apaixonada por passeios harmônicos”

Kristoff Silva, cantor e compositor



RICARDO ANTUNES/DIVULGAÇÃO

Grupo Somba se prepara para primeira apresentação internacional nos EUA

## “VAQUINHA” ABRE PORTAS

Se cooperação está na ordem do dia, por que não promovê-la com colegas de outros países? Foi por obra do acaso que os belo-horizontinos da banda de heavy metal Eminence conseguiram iniciar carreira internacional. O guitarrista Alan Wallace conquistou a amizade e confiança do cantor dinamarquês King Diamond fazendo uma “vaquinha” para pagar o hotel em que ele e os nove integrantes da banda se hospedaram quando vieram tocar na capital mineira. Como o produtor não havia pagado cachê, não tinham dinheiro nem para ir para o aeroporto.

Então amigos, não demorou para que os mineiros fossem convidados a tocar na Europa. A primeira vez foi em 1998 e, de lá para cá, realizam duas turnês por ano no Velho Continente. Este ano, tocarão em 11 países. “O heavy metal não faz parte da cultura brasileira. O público é fiel, mas restrito. Basta ver que não há shows do gênero todo fim de semana por aqui. Lá fora, heavy metal é como a nossa MPB”, compara Alan. A carreira internacional é possível, garante, mas para isso é preciso haver preocupação com aparência e sonoridade: “Não pode ser como banda de garagem”.

“Há mercado para todos. A globalização veio para agregar, e não destruir. A internet e o MP3 permitem mostrar o trabalho para o mundo inteiro. Isso é só o primeiro passo, pois as coisas vão melhorar. Muita gente pensa que é o fim da música, mas os selos pequenos e médios têm tudo para arrebentar. Todas as vertentes do underground, o que inclui os independentes, estão se unindo. Se as tribos não unirem suas forças, não haverá futuro e, sim, a crise da música independente”, completa.

## TOLERÂNCIA ZERO

“A aposta é que existe mercado para os mineiros, sim. Temos história e histórico para isso. A música do Milton, por exemplo, foi a que mais despertou interesse lá fora, depois da bossa nova”, diz o cantor e compositor Kristoff Silva, que embarca mês que vem para fazer show nos Estados Unidos. Mais do que nunca, ele acredita na divulgação do próprio trabalho por meio de shows, em vez de discos, cuja gravação se tornou “banal”. “Acho que a música mineira de hoje tem tolerância pequena à redundância. Temos música apaixonada por passeios harmônicos e de arranjo, pela palavra e por traír expectativas que o rádio constrói”, avalia.